

História de duas sombras

José D'Assunção Barros

Urubu chegou à Vila. Um homem alto, muito magro, roupa negra... uma sombra! Vila era uma cidadezinha pacata, longe do século – habitada por uma gente sem ambição nenhuma que ali nascera para dali não sair nunca.

Nem bem saltara do ônibus, e já corriam de boca em boca os rumores sobre a chegada do forasteiro. As portas e janelas se fecharam, seguras por trancas já quase enferrujadas pela falta do uso. O povo desandou a esconder seus velhos, embora todos soubessem que não adiantaria nada: pelo menos um teria que morrer antes que o Urubu se fosse.

Olhou para os lados. Duas fileiras de sobrados margeavam a rua de paralelepípedos: construções muito antigas, umas ladeadas por modestos quintais, outra espremidas, sem espaço, apoiando-se nos prédios vizinhos. Sua atenção foi chamada por um ruído medroso – trancas de uma janela que se fechava. Desenhou-se em seu rosto, embora sem expressão nenhuma, algo como um sorriso. Foi descendo a rua, equidistante às duas calçadas, de modo que todos pudessem ver o homem que viera roubar uma vida. Passos lentos, em “quase Adágio”. Parou em frente ao hotel da cidade, uma espelunca que oferecia uma das poucas opções de pouso além do relento sempre frio de cidade serrana. Ia entrar. Deteve-se ao perceber um vulto espremido na parede – uma estátua! Era o Vovô Sarau, mendigo muito conhecido nas redondezas. Um merduncho. Mas, a seu modo, um homem de elite! Bem considerado nos becos e no submundo da mendicância.

Imóvel, o ancião lamentava a sua sorte ruim. Ele, que tinha a planta da cidade escrita na palma da mão, que conhecia cada recanto daquele lugarejo – deixara-se apanhar em uma ingenuidade que lhe custaria para sempre a malandragem de mendigo velho. Bebera um pouco. Fizera nenhum caso

quando lhe contaram que Urubu estava na cidade. Pensou que fosse troça. Continuou andando, muito tranquilo – a garrafa de cachaça numa das mãos – rindo daquela gente assustadiça que se refugiava nas casas, em especial os mais idosos. Se tivesse acreditado, teria encontrado um esconderijo. Morava naquela calçada, mas bastaria espiar a palma da mão; acharia um cantinho qualquer que o tornasse invisível, uma trincheira, sairia da cidade, qualquer coisa. Mas, arre... ignorara por completo aquele boato de calças curtas. Quando viu o Matador descendo a rua, conseguiu sequer se mexer. Poderia correr na direção contrária, atirar-se em um quintal, pedir abrigo em um dos sobrados que se fechavam à aproximação do bandido. Quem se negaria a salvar-lhe a vida? Podiam lhe negar comida, esmolas, respeito humano, condições suportáveis de existência – mas a vida... As pernas, porém, não lhe obedeceram, amotinaram-se, plantaram-no embaixo daquela marquise de hotel; a cana foi ao solo, espatifou-se.

Dali a pouco seria ele; o vilão puxaria uma faca, um revólver, tão logo se recuperasse da surpresa de ter encontrado uma vítima tão fácil. Bandido famoso, Urubu, sempre demorava a consegui-las nas cidadezinhas por onde passava, pois nem chegava e o povo já corria a se esconder. Arre... Logo ele! Um mendigo malandro, o xodó dos becos, dera ao matador aquela moleza rara. Estava acabado. Nos segundos que o separavam da morte, reviu as histórias que conhecia sobre o facínora...

Contava-se que Urubu adquirira aquele hábito mórbido – matar velhos! quase por uma fatalidade. Era um bom moço, trabalhador, igual a qualquer indivíduo mediano: um molde. Morava com um tio já idoso, de quem muito gostava, e que era seu único parente vivo. Dia chegou em casa e encontrou o velho estrangulado, um choque. O delito assinado: perto do corpo, um papel dizia o nome do assassino. Este crime tão bárbaro, gratuito (disseram mais tarde que a causa fora uma bobagem, um galanteio qualquer mal dirigido à mulher do bruto) – foi o detonador de um caos irreversível. Tudo começou a girar. Ele viu as escadas tremerem, portas, janelas, mobília. O tio vivo, depois morto. O assassino, o papel gritando. O pano, arma do crime – tudo girando... Desmaiou.

Acordou com uma determinação, que brotara do âmago do seu âmago. Esperou que a noite desabasse e foi à casa do mau. Ficou assuntando de longe, viu que nunca teria coragem de matar o homem. Aguardou até o inimigo saísse, depois de se despedir da esposa com um beijado lambido. Aí, foi até a porta do casebre, tocou a campainha. A mulher veio atender e ele forçou a entrada. Não teve quase dificuldades para esfaquear a moça. Dente por olho... assinou seu crime também, bilhete do lado. Foi-se. Quando o marido chegou em casa, caiu em desespero ao ver a esposa, que tanto amava, sem vida. Mas também não teve coragem de se vingar do outro.

E ficaram loucos os dois, seus traumas irremediavelmente incrustados nos seus psiquismos. Um passou a se vestir de negro, adotou o nome de Urubu. Tornou-se um estranho que percorria cidadezinhas indefesas e não descansava enquanto não matasse um dos seus moradores mais idosos. Talvez estivesse, na sua loucura, querendo vingar-se do mundo – esse mundo ‘mau pai’ que não lhe dera coragem para enfrentar o assassino do seu tio. Ou talvez quisesse obrigar todos a compreender sua dor. Seu inimigo ficou louco do mesmo jeito. Também passou a viajar por aí; só que as vítimas que escolhia eram sempre mulheres, lembranças da sua esposa. Ganhou o nome de Estripador.

A essa altura, o Vovô Sarau era uma vara verde. Urubu acordou-o daquelas histórias com um toque no ombro, rindo porque – diante de uma vítima tão fácil – não queria matar ninguém.

— Sossegue, amigo! Não mato velhos!

Vovô Sarau não acreditou. Como não matava velhos? Todos conheciam bem a história do Matador, personagem de inúmeros registros policiais. Se deles escapara incólume era por influência de algum padrinho, era porque a justiça era cega e não vira, era porque a lei das pequenas comarcas não ousava botar-lhe as mãos – espécie de ave sagrada, de tumba maldita. Deixavam que matasse o seu velho, depois ia embora e a comunidade ficava em paz. Mais fácil. Preferiam prender umas putas, catar uns mendigos e operários desempregados... Assim, como não matava velhos? Enganar a quem? Vovô Sarau continuou imóvel, à espera do golpe de faca que o

conduziria para longe daquela tremedeira, para a bem-aventurança de um banco de praça feliz, em um Paraíso onde só havia desocupados. Ou para a escuridão da terra.

— Olhe, eu só quero saber onde fica o pior lugar desta cidade para se passar uma noite.

O velhinho, a muito custo, conseguiu finalmente pronunciar alguma coisa, a voz bem trêmula:

— O pior?

— Você ouviu, velho. O pior!

Vovô Sarau matutou lá com os seus botões, já bem mais sossegado. Era um *expert* em vida ruim. Deu as coordenadas que o bandido pedira.

— Olha, não há espelunca pior que a pensão da Dona Loloca. Lá tem percevejo, rato – até cobra passando pelos quartos! As paredes são muito úmidas; ninguém que dorme lá, nem que seja uma única noite, consegue escapar de uma boa gripe. No mais, a comida é muito ruim, a decoração de mau gosto, os colchões disformes – ideais para se iniciar um bom desvio na coluna. Bom, o senhor pega aqui esta rua, vira à esquerda. A casa mais velha é a Pensão Loloca.

Depois de ouvir aquela propaganda, Urubu apanhou a mala e seguiu o caminho indicado pelo mendigo, até dar de cara com a porta roída da velha pensão. Entrou.

No balcão de recepção estava a dona do lugar distraída, examinando um livro qualquer. Baleia velha, matreira – tipo clássico de dona de meretrício que, não conseguindo firmar-se no bem considerado ramo de alugar mulheres, estabelecera-se no aluguel de quatinhos de segunda. Urubu deu dois toques na madeira. Dona Loloca virou-se; ao se ver frente a frente com o Matador, veio quase um enfarte – pensou que sua hora tivesse chegado. Urubu teve um trabalho do demo para convencer a madona de que não matava mais velhos. Por fim, a mulher assuntou, embora ainda meio desconfiada, que – realmente –

se ele quisesse matá-la, já o teria feito. Ofereceu-lhe um quarto, o melhor do lugar.

— Quero o pior!

— O pior?

— O pior!

A velha não entendia nada. Mas foi subindo a escada antiga, evitando pisar nos degraus que faltavam. Urubu atrás. Ao chegar ao pavimento superior, a anciã andou até a porta mais feia. Tirou do bolso do avental encardido um molho de chaves enferrujadas, achou a que abria o conjugado. Olharam dentro. Era bem ruim, mas não o bastante.

— A senhora está me escondendo o quarto que quero! Este ainda está muito bom.

A velha ficou fria. Um nó na espinha — medo de que o homem retornasse aos hábitos antigos, que lhe tinham consagrado a fama de assassino inescrupuloso. Apanhou um interfone manual, mandou um empregado subir com uma escada de mão. Mal o garoto chegou, ela indicou o teto. Só então Urubu percebeu o buraco na parede de cima, entrada de um sótão. O garoto ajeitou a escada e Urubu subiu. Assim que sua cabeça passou pela fronteira do teto, ele viu o quarto mais sujo do mundo. Não estava usando um reles lugar comum, nem figura fácil de retórica: aquele era mesmo, literalmente, o quarto mais sujo do mundo! Um grupo de ratazanas almoçava papel picado bem no meio do aposento. Quando viram a cabeça do inquilino interromperam a festa, dispersaram-se pelos cantos.

Urubu entrou inteiro, ficou examinando para ver se não encontrava algo perfeito. Não! Só tinha defeitos! Esquadrinhou com os olhos, friamente, cada detalhe do recinto. Os poucos móveis vieram sujos, empoeirados, enfeitados por teias de aranha em pleno uso, percorridas por toda a sorte de aracnídeos. Examinou cada peça, com um rigor de antiquário. Uma escrivaninha com as gavetas entreabertas, andares estanques para os seus pequenos moradores — que iam desde as saúvas até as baratas de diversos tamanhos. Uma cadeira

capenga de uma das pernas, madeira roída – manjar de cupins. Um armário sem portas, as divisões das prateleiras enviesadas, invadindo, comprometendo a simetria do móvel. O colchão com as molas viradas para cima, prontas para espetar quem ousasse dormir ali. A única janelinha dava de frente para a vista mais ridícula do mundo: um chiqueiro sem porcos. No teto, uma meia-água – se tanto – tinha várias goteiras.

De repente, os olhos de Urubu escorregaram para um cantinho mais discreto, flagrando um objeto estranho – extraordinariamente bonito. Era um abajur, pequena obra de arte feita em vidro — coisa de deliciar os olhos e lupas dos colecionadores. Aquela bem trabalhada peça, de insuportável encanto hipnótico, causou-lhe imediata repulsa. Destoava “veementemente” do restante, comprometendo – insultuoso – a feiura do lugar. Quase cristal, parecia zombar da mobília degenerada, das paredes descascadas, das goteiras no teto — enfim, trazia uma intolerável incoerência a todo aquele caos. Urubu transformou o artefato, com um tiro, em cacos de vidro. Agora sim... Estava tudo perfeito! Fechou negócio com a hotelaria e recolheu-se para um sono intranquilo, depois de puxar o colchão para debaixo da principal goteira...

*

Manhã seguinte, Urubu acordou bem cedo para tomar café. Torto, enormes olheiras, mordido de percevejos e mosquitos, prenúncio de gripe... Quase não cumprimentou os outros inquilinos, sentados todos ao redor da mesa grande, intrigados com a notícia de que o Matador alugara o quarto do sótão por alguns dias. Os minutos anteriores tinham sido pontuados por um falatório incomum, alguns conheciam histórias tétricas sobre o vilão, crimes que ele cometera em cidadezinhas próximas e distantes. Mas “nem” a silhueta do Matador despontara na fronteira da copa e o “disse-que-disse” cessou; todos se calaram, medindo com os olhos cada movimento do forasteiro. Um mais idoso suava frio, as mãos tremiam, mais que o pedaço de gelatina contra o qual ele investia com suas trêmulas talheres.

Urubu sentou-se à frente, afastou o guisado do dia, a mal lavada xícara de café, o bule de leite aguado – pediu alguma comida encalhada, algo que pudesse realmente ser chamado de ruim. Os outros hóspedes não entendiam nada, interrogavam-se em silêncio, num bate-papo de olhos. Dona Loloca trouxe um pão que já estava dormindo há séculos, e um refresco de água suja. Urubu beliscou um, bebericou o outro. Cuspiu fora o líquido, com uma careta de reprovação.

— Esta merda está muito boa!

Levantou-se e saiu sem se despedir de ninguém, à procura de algum lugar que servisse, de fato, algo bem ruim.

Na rua, já se olhava Urubu com certa curiosidade. O Mendigo Sarau espalhava algo sobre uma possível regeneração do bandido. Em troca de um prato de comida contava, para quem quisesse ouvir, como sobrevivera a um “tete a tète” com o monstro. Embora não o levassem a sério, muitos já não tinham mais medo. Corria um boato: o facínora se arrependera dos seus crimes, e agora tentava se autopunir de diversas maneiras. Não escolhera o pior quarto da Pensão Loloca? Não fazia questão de ter de tudo o pior? Era na certa um complicado mecanismo de “autoflagelo do ego”, ou coisa que o valha, conforme dissera o psicólogo da cidade. Foi assim que num piscar de olhos, num sorrateiro passe de mágica, muito da aflição que Urubu outrora inspirava nas pessoas desvaneceu-se em piedade ou desprezo. A fisionomia altiva do Matador adquiria agora contornos caricaturais, sua silhueta mal-encarada suscitava antes comentários jocosos que suores frios. As janelas já não se fechavam com tanta facilidade, as mães não escondiam suas crianças de colo, e até alguns velhinhos mais atirados aventuravam-se a lhe cruzar o caminho. Os moleques de rua se animavam mesmo a lhe gritar tímidos improperios, ainda que leves. Os adultos, não. Preferiam guardar certa prudência. Afinal, sabia-se lá que instintos criminosos ainda dormiam na alma do Matador! Quem sabe não era um truque, uma pela de cordeiro? Fossem facilitar...

O personagem perguntou onde se comia mal na cidade. Indicaram-lhe o Bar do Batista.

— O pior salgado! — disse decidido, ao sentar-se num dos banquinhos do balcão.

O Batista já tinha escutado os boatos. Apressou-se a fazer, orgulhoso, a propaganda da comida:

— Servimos aqui o pior bolinho de carne da região. Tem também um pastel de camarão que é um verdadeiro bosta.

Urubu empanturrrou-se de bolinho e bebeu Choca-crola. Rematou com uma caninha da roça da pior qualidade, dessas que nem os mendigos aceitam em seus banquetes. Ainda assim, não soube dizer o que lhe prejudicaria mais. A caninha descera direto, sem escalas – o refrigerante ainda se detinha na corrosão do seu organismo. Bobagens, o importante é que ele podia se dar por satisfeito – nunca tinha comido tão mal. Nem em uma Instituição de Caridade, dessas que auferem descontos nos impostos em troca do oferecimento de sopas gratuitas aos pobres, poderia encontrar uma refeição de caráter tão duvidoso, tão criminoso.

O Matador limpou o queixo em um guardanapo que fazia também as vezes – no fim do dia, quando os fregueses saíam – de pano de chão. Ia se preparando para sair, quando passou por ele um casal de namorados. Sentaram-se nos dois banquinhos à sua direita. O homem era do tipo atlético, verdadeiro gorila – um massa! A mulher um bibelô, primor de pernas, corpo muito bronzeado, rosto de atriz. Urubu perguntou para o bêbado à sua esquerda quem eram. Soube que o homem era o maior valentão da cidade – e a mulher, a mais boazuda.

Bateu no ombro do Massa.

— Ô meu! Sabe que a sua mulher é muito boa?

O valentão olhou espantado. Ninguém nunca tivera tamanha petulância, tanto atrevimento. Então viu que era Urubu. Teve um certo receio – para ser franco, quase ia comprometendo as calças. Afinal de contas, o homem era um matador. De velinhos, mas um matador.

— Como é? Não vai tomar nenhuma atitude? Eu não vou reagir não!

O Massa lembrou dos boatos que estavam correndo a cidade. Animou-se a enfrentar Urubu. Aprontou o punho e mandou ver na cara do bruto. O “pássaro” voou do banquinho para a parede oposta. Sua magreza ficou largada no chão, estatelada sob os olhares apreensivos de uma plateia que fazia questão de uma boa briga. O Massa não quis ficar só nisso, levantou Urubu pelo colarinho e atirou-o pra fora do bar. O Matador ficou que era um trapo no chão da pracinha. Levantou. Limpou a poeira. Muita gente pensou que iria sacar uma arma. Mas apenas olhou em volta e saiu mancando em direção à boca do lixo.

Parada num poste, tinha uma prostituta chamando Urubu. O Matador foi, ainda quebrado da sua desventura no Bar do Batista. Ficou de papo, mas não quis subir com ela. Era uma morena bonita, cujos traços nem o tempo, nem aquela vida tinham conseguido estragar. Urubu queria, pelo contrário, uma mulher bem feia – cuja lembrança ficasse arraigada bem na raiz dos seus traumas. Queria que tivesse um odor que ficasse bem entranho na memória das suas narinas. Principalmente queria que tivesse doenças venéreas, de todos os tipos. A morena não hesitou, conhecia a pessoa certa:

— É a Nega Fulô! Com ela, você pega de tudo.

Enalteceu as qualidades da colega. Contou que dormir com a Fulô era tão perigoso que ela só apanhava turistas desavisados. Assim mesmo, sua fama já começava a traspasar os limites da Vila. Até mesmo os caminhoneiros mais incautos começavam a rarear. Sua clientela andava tão escassa que ela já pensara mais de vez em mudar de ramo. Quem sabe não poderia trocar a prostituição pela política? Nunca mais teria problemas com a Saúde Pública, que a mando do prefeito andava exigindo carteirinhas de saúde das profissionais do seu ramo. Se entrasse para a política. *ela* seria a Saúde Pública! Seria uma mulher de respeito, nunca mais precisaria vender o corpo – apenas a dignidade, as convicções e a alma. Sim, a política! Mas enquanto ela não vinha, continuaria faturando uns trocados na rua, emprestando gonorreia aos poucos fregueses que a procurassem.

Urubu estava encantado com o que lhe disseram da Nega, principalmente no que tangia ao mau cheiro, às doenças venéreas, e à sua capacidade de

proporcionar uma noite mal dormida. Foi encontrá-la no pior ponto da boca do lixo. Subiram para o pior quarto e lá deram duas ou três – Urubu queria assegurar a sua Sífilis. Quando desceu, as pessoas olhavam-no com um misto de espanto e admiração – não era qualquer um que tinha coragem de ir se meter com a Nega. A Fulô, porém, não desceu; foi aparecer bem depois estrangulada no quatinho do motel. Trabalho perfeito. Mas não era o estilo de Urubu. Parecia o nó do Estripador, bandido notório que estivera na cidade não fazia nem três meses. Veio um perito – bem orientado para evitar os “escândalos legais” – que preferiu dar o caso como suicídio. “Vila é uma cidade pacata, longe da violência do século – habitada por uma gente pacífica e ordeira. Um paraíso no interior”. Graças a Deus e aos homens de boa vontade.

Durante o resto do dia Urubu ficou perambulando por aí, mendigo sem rumo. Pisou em poça d’água. Mexeu em ninho de marimbondo. Provocou cachorro bravo. Não parecia dar a mínima para os pequenos desastres que lhe iam acontecendo, um atrás do outro. Quando anoiteceu estava que era um trapo de segunda. Os mendigos mais miseráveis, os doentes incuráveis, os pervertidos insatisfeitos, as minorias oprimidas, todos vinham observá-lo – saíam com a alma lavada, deixavam de se sentir os mais infelizes dentre os homens, os mais baixos degraus na escala humana. Urubu era o degrau que faltava para que todos se sentissem bem – perto dele todos os problemas diminuía a uma dimensão microscópica, só havia criaturas privilegiadas, quase semideuses.

Os participantes de uma excursão de leprosos saíram com saudáveis sorrisos no que lhes restava de lábios, depois de uma rápida olhadela no mais infeliz dos homens. Os cegos não o viam, mas escutavam seu manquejar, seus espirros de gripe incurável, seu ruído de ossos quebrados, os insultos que recebia sem reclamar. Os pedintes encabulavam-se ao ver um homem em piores condições que eles, pensavam em arranjar empregos, envergonhavam-se de ser tão inativos embora tão saudáveis. Uma greve na fábrica de papel, que já vinha durando anos, acabou-se naquele dia – os operários ganhavam bem, seus barracos eram palacetes perto das sarjetas em que Urubu parava. Enfim, num piscar de olhos todos crescerem. O Matador, ao invés da esperada morte, lhes trouxera o sossego. Ao inspirar-lhes piedade – ou mesmo desprezo

– fazia com que se esquecessem da miséria de si mesmo, dos seus pântanos interiores, da sua própria mediocridade. Começavam, assim, a gostar dele. Desejavam no íntimo que ele nunca mais fosse embora, que fosse talvez tombado como “patrimônio da localidade”.

A certa altura, Dona Santa compadeceu-se do coitado. Ofereceu-lhe pousada em seu estábulo. Urubu foi, mas acabou recusando.

— Este corpo não merece isso. Mas olhe! Gostei daquele chiqueiro...

Era o chiqueiro sem porco que se via da Pensão Loloca. Tão sujo que os animais se recusavam a habitá-lo, já que aquela terra maltratada feria frontalmente a declaração dos direitos do bicho. Urubu estendeu-se na lama, adormeceu. Depois das desventuras por que passara, iria conseguir pelo menos uns dois pesadelos. Dona Santa deu de ombros – “deve ser isto o que chamam de pobreza voluntária – foi cuidar dos seus assuntos...

*

Manhãzinha cedo Urubu já estava de pé – o corpo doído, maltratado, sujo, como queria. Depois se soube que ele tinha um encontro marcado, inadiável, na porteira da cidade. Foi caminhando pela estradinha de terra dura; tirou os sapatos, para que as pedrinhas lhe castigassem os pés. O sol demasiado quente pesava sobre seus ombros. Ainda assim, recusou duas caronas que lhe ofereceram na estrada. Por fim avistou um vulto, uma presença, encostado na plaqueta com o nome do lugarejo e número da habitante. Firmou a vista, viu que era quem ele esperava.

— O Estripador!

O mau nem se mexeu. Estava com o corpo tão castigado quanto o do matador de velinhos. Um frangalho! Os dois ficaram se encarando – examinando-se de alto a baixo, de baixo a alto, percorrendo com os olhos cada detalhe um do outro. Urubu, ao ver o estado deplorável do inimigo, teve um

acesso de raiva. Só que esmurrou, ao invés, o próprio estômago. O Estripador também reagiu de maneira inusitada, mordeu os lábios com toda a força do mundo. Então resolveram parar com aquele automartírio. Urubu quebrou o silêncio.

— Cadê o Pai Grande?

— Ainda nada.

Nisso, ouviu-se um ronco de motor. Era um teco-teco de rodas, um jipe aéreo, voando muito rasteiro. Beijo na estrada. Parou perto dos dois. Saltou do veículo um preto velho – cachimbo, curvado – acompanhado por um crioulinho de olhos espertos.

— Então, meus fios? Prontos pra voltar ao que é seu? — falava enquanto arrumava no chão uns apetrechos de magia negra — “Sabe? É a primeira vez que contratam esse preto prum serviço desses. Cês tem cada uma... Imagine! Trocar de corpo!”

O Neguinho ia ajudando o velho sem dizer palavra. Ligava vodus a fios elétricos; velas a lâmpadas; ciência à mágica. Divertido, não conseguia conter o riso diante daquela situação ridícula. Lembrou-se do dia em que Urubu fora procurar o avô, babalorixá famoso que aplicava em seus feitiços desde conhecimentos de física até psicologia moderna, passando pelas técnicas tradicionais de candomblé e umbanda. Conhecido por sua excentricidade, o avô mantinha um curioso “terreiro voante”, cuidava da cabeça de importantes personalidades e tinha horário em canal de televisão. O Matador implorara ao preto que o ajudasse. Disse-lhe que não teria paz enquanto não se vingasse do inimigo, sua cruz. Mas havia um bloqueio, um problema patológico – algo os impedia de uma ação direta um sobre o outro. Não admitiam que fosse uma mera covardia, era qualquer coisa mais “freudiana”, mais enfronhada no íntimo dos seus espíritos... Pai Grande baixou no avô, pitou o cachimbo: “Tem um jeito, meu neto. Cês trocam de corpo, alma de um na carne do outro... O Pai vai mandar chamar o Estripador; o menino tá com o mesmo problema... Antes tem que combinar umas regras, não vale suicídio, cortar fora um braço... Depois esse velho faz a mágica, cês mudam de matéria, podem se vingar um

do outro na esperteza...” Quando Urubu concordou, os olhos brilhando como se tivessem contemplado a solução de um problema, até o avô parecia surpreso. Pai Grande Falara quase de troça, às vezes brincava um pouco com seus aconselhados. Mas no dia seguinte estavam os dois litigantes em cantos opostos do Abaitolá, prontos para receber o feitiço. O preto fez a “passagem das almas”, a troca dos corpos. Para o Neguinho, que não acreditava nessas coisas, o velho apenas os hipnotizara. Estalou os dedos. Pronto! Foi cada um para um lado, sacanear o outro...

Quando terminou o último ajuste, o Neguinho avisou ao avô que estava tudo pronto, os instrumentos, a natureza – tudo. O preto-velho ajoelhou-se, murmurou umas frases em Nagô. E aí a mágica se desfez, ciência e feitiço deram-se as mãos. Numa rapidez de sombra, a energia de Urubu voltou para Urubu. E a energia do Estripador para o Estripador. Ou, pelo menos, acreditaram nisso.

Os dois bandidos experimentaram uma sensação de náusea, ao retornar aos seus corpos. Estavam dois bagaços, duas poeiras de estrada. Impossível dizer quem vencera, ou pelo menos quem não levava a pior, já que cada um tinha conseguido fazer um estrago considerável no corpo do outro. O Pai Grande mexeu os ombros, deixando escapar um risinho divertido pelo canto dos lábios. Voltou para o teco-teco de rodas e começou a esquentar o motor.

Tanto Urubu como o Estripador foram se ajeitando para ir embora, cada um para o seu lado. Não havia mais nada, os dois inimigos tinham finalmente se vingado um do outro. Depois poderiam avaliar, montados em seus pontos de vista, quem levava a pior.

O Neguinho recolheu os fetiches do pai-de-santo, foi caminhando para o teco-teco. No meio do caminho parou, e voltou-se para os matadores:

— Os amigos me perdoem, mas os senhores são uns verdadeiros babacas...

E andou o resto na carreira, até entrar no teco-teco do avô, que sumiu na poeira da estrada...

José D'Assunção Barros é escritor, historiador e professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com doutorado pela Universidade Federal Fluminense. Publicou os livros *O Averso do Pau de Arara* (Achiame, 1987), *O Campo da História* (Editora Vozes, 2004), *A Construção Social da Cor* (2009), *Teoria da História* (Editora Vozes, 2011) e *Raízes da Música Brasileira* (Hucitec, 2011).